

UNIVERSIDADE TIRADENTES
PRÓ-REITORIA ADJUNTA DE GRADUAÇÃO
PROGRAMA ESPECIAL DE FORMAÇÃO PEDAGÓGICA PARA
PORTADORES DE DIPLOMA DE EDUCAÇÃO SUPERIOR

**FOLCLORE: CONHECENDO SUAS RAÍZES,
TRABALHANDO A ARTE DA CULTURA SERGIPANA**

HELVÉCIO PINHO LUDUVICE FILHO

HELVÉCIO PINHO LUDUVICE FILHO

**FOLCLORE: CONHECENDO SUAS RAÍZES,
TRABALHANDO A ARTE DA CULTURA SERGIPANA**

Pesquisa-ação apresentada ao Programa Especial da Formação Pedagógica para portadores de Diploma de Educação Superior na Universidade Tiradentes (PROFOPE/UNIT) como requisito parcial para obtenção do Certificado e Registro de Profissional equivalentes à Licenciatura em Artes.

PROF. MSC. LILIÁDIA DA SILVA OLIVEIRA
BARRETO

Aracaju
Agosto / 2005

HELVÉCIO PINHO LUDUVICE FILHO

**FOLCLORE: CONHECENDO SUAS RAÍZES,
TRABALHANDO A ARTE DA CULTURA SERGIPANA**

Pesquisa-ação apresentada ao Programa Especial da Formação Pedagógica para portadores de Diploma de Educação Superior na Universidade Tiradentes (PROFOPE/UNIT) como requisito parcial para obtenção do Certificado e Registro de Profissional equivalentes à Licenciatura em Artes.

Aprovada em _____ / _____ / _____

Banca Examinadora

PROF. MSC. LILIÁDIA DA SILVA OLIVEIRA BARRETO
UNIVERSIDADE TIRADENTES

Examinador
UNIVERSIDADE TIRADENTES

AGRADECIMENTOS

A Deus e a minha família pela compreensão dos finais de semana reclusos.

A Universidade Tiradentes pelo apoio logístico.

Ao PROFOPE que me permitiu agregar valor dos conceitos pedagógicos.

A todos os professores fonte de orientação, participação e estímulo.

Dedico à minha mãe e as minhas filhas,
pelo estímulo, incentivo e apoio em todo o
momento deste trabalho.

É melhor atirar-se à vida em busca de dias melhores, mesmo correndo o risco de perder tudo, do que aqueles que não disputam, mas também não vencem. Que não conhecem a dor da derrota, mas que não têm a glória de ressurgir dos escombros. Esses pobres de espírito, ao final da jornada aqui na terra, não agradecem a Deus por ter vivido, mas desculpam-se diante dele por haverem passado simplesmente pela vida.

Roosevelt

RESUMO

O presente trabalho monográfico representa o esforço intelectual para o cumprimento da etapa conclusiva do Programa Especial da Formação Pedagógica para portadores de Diploma de Educação Superior na Universidade Tiradentes (PROFOPE/UNIT). A busca para qualificação profissional no referido programa esteve centrada no aprofundamento de conhecimentos relacionados ao ensino da disciplina artes no âmbito tanto do Ensino Fundamental quanto do Ensino Médio. Nesse sentido a presente monografia intitulada *Folclore: Conhecendo suas Raízes, Trabalhando a Arte da Cultura Sergipana*, teve por escopo traçar um breve relato sobre os aspectos antropológicos e históricos deste conteúdo cultural por essência, bem como uma tentativa de estabelecer as linhas gerais das representações do folclore no contexto do estado de Sergipe. Dividida em cinco capítulos os quais estão representados por uma introdução cujo conteúdo esboça a visão geral que norteou todo trabalho, revelando inclusive os procedimentos teórico-metodológicos aqui utilizados; o capítulo segundo aborda uma visão geral sobre o conceito dos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais), tendo na seqüência uma abordagem mais específica envolvendo o conteúdo dos PCNs e as co-relações decorrentes e seus correspondentes quanto ao ensino de artes. Ainda no contexto do segundo capítulo são elencados os componentes curriculares apontados pelos já referenciados Parâmetros Curriculares e destinados ao ensino de artes. O terceiro capítulo aborda o folclore, seus aspectos antropológicos, suas definições mais elementares tratando na seqüência das manifestações folclóricas sergipanas. Os aspectos metodológicos refletem a utilização de uma pesquisa de campo cuja fundamentação teórica se reporta à metodologia da pesquisa-ação de Michel Thiollent, representada pela aplicação de questionários junto aos alunos com os quais fora realizado o trabalho de regência em sala de aula. Quanto a conclusão esta fundamentada na análise dos dados estatísticos dos questionários retro-referidos, traçando o perfil dos alunos em relação ao conteúdo e ao contexto do ensino e aprendizagem em artes no Ensino Fundamental.

Palavras-chaves: Artes; PCNs; Folclore Sergipano.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Apresentação do item sexo dos entrevistados	53
Gráfico 2. Apresentação do item faixa etária dos entrevistados	54
Gráfico 3. Apresentação do item profissão dos entrevistados	54
Gráfico 4. Apresentação do item noção sobre artes dos entrevistados	55
Gráfico 5. Apresentação do item como o estudante aprende a matéria artes dos entrevistados	55
Gráfico 6. Apresentação do item o conhecimento das expressões artísticas ou folclóricas dos entrevistados	56
Gráfico 7. Apresentação do item importância do estudo de artes dos entrevistados	56
Gráfico 8. Apresentação do item dificuldade no aprendizado de artes dos entrevistados	57
Gráfico 9. Apresentação do item conteúdos de artes apreendidos pelos entrevistados	57
Gráfico 10. Apresentação do item sugestões para um melhor aprendizado da disciplina artes dos entrevistados	58

SÚMARIO

1 INTRODUÇÃO	09
1.1 Aspectos Gerais do Saber Antropológico	11
1.2 Noções Gerais Sobre Cultura	12
1.3 Noções Gerais Sobre Cultura Brasileira	14
2 OS PCNS X ENSINO DE ARTES	15
2.1 Pcns: O que são?	15
2.2 Os Pcns e o Ensino de Artes	18
2.2.1 Conteúdo em Arte no Contexto dos Pcns	20
2.3 O Ensino de Artes e a Educação Fundamental (Lei 9394/1996)	22
2.4 O Ambiente Escolar	23
2.4.1 Considerações Gerais Sobre a Experiência Prática	26
3 FOLCLORE: ASPECTOS ANTROPOLÓGICOS E CONCEITUAIS	28
3.1 Que é Folclore?	30
3.2 Folclore Brasileiro	35
3.3 Expressões do Folclore Sergipano	41
4 ASPECTOS METODOLÓGICOS	51
5 CONCLUSÃO	54
REFERÊNCIAS	61
ANEXOS	63

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho monográfico tem por escopo o de ser um a culminância do programa de formação de formação pedagógica a profissionais portadores de diploma de curso superior, que atuam como professores no contexto da rede pública de ensino fundamental e médio.

Nesse sentido, o trabalho em tela e a escolha do tema a ser desenvolvida forma produto da experiência profissional e das inquietações dela decorrentes, principalmente a partir da observação e constatação fática, segundo a qual, alunos do Ensino Fundamental e mesmo do Ensino Médio “transitam” com pouca desenvoltura no contexto do aprendizado da disciplina artes, apresentando certo distanciamento, e níveis consideráveis de ignorância acerca do universo que permeia os conteúdos da retromencionada disciplina curricular.

Vale ressaltar que, após a realização de um consulta pormenorizada à grade curricular do ensino fundamental, tem-se como cristalino o fato de que o ensino dos conteúdos relacionados à disciplina artes está centrado do desenvolvimento de habilidades artísticas dos educandos, tendo como mote principal o enriquecimento e o fomento de informações basilares sobre teoria artística (noções sobre cores, expressões artísticas, literatura, música, dança e e.t.c.).

Assim, aliado ao desenvolvimento de temas práticos, apresenta-se aos educandos um conjunto de informações teóricas de modo a subsidiar o aprendizado destes, notadamente quanto à cultura e as expressões a ela contingentes, no mundo, no Brasil e em Sergipe.

A constatação cotidiana do total desconhecimento das raízes culturais e das práticas tradicionais incorporadas inclusive nos hábitos e costumes relacionados à cultura brasileira e regional, ignorados pela comunidade estudantil, “vítima” de uma formação acadêmica que lhes negara acesso objetivo aos conhecimentos aprofundados e inerentes ao estudo de sua própria cultura.

A monografia em epígrafe fora dividida em 04 (quatro) capítulos nos quais serão desenvolvidos mediante a incorporação de conteúdos relacionados à noções sobre Antropologia, Folclore, Educação e Ensino Fundamental e e.t.c.

No capítulo primeiro foram desenvolvidas informações gerais sobre Antropologia, Cultura Brasileira e Sergipana. No segundo capítulo fora proposta uma breve discussão sobre os PNCS em Artes, aspectos legais à luz da Lei n.º 9394/96, e o ambiente escolar no qual ocorrera a fase prática da ação educativa efetivamente desenvolvida. O terceiro capítulo introduz uma abordagem aprofundada sobre o Folclore, seu conceito, suas linguagens e expressões locais desse referencial no contexto da cultura sergipana. O quarto capítulo ao abordar os aspectos metodológicos norteadores da monografia em foco estabelece o embasamento teórico e o universo da prática didático-pedagógica desenvolvida no contexto da sala de aula, tendo em vista o aprofundamento do aprendizado sobre artes, particularmente com o desenvolvimento de atividade extra sala de aula, foram demonstrados pela apresentação de trabalhos escritos abordando expressões folclóricas nordestinas e sergipanas.

1.1 Aspectos Gerais do Saber Antropológico

A Antropologia é comumente definida como sendo o estudo do homem e de seus trabalhos. O sentido etimológico do termo Antropologia origina-se do grego onde Antrophos significa “homem” e Logia, outro vocábulo de origem helênico, que significa estudo ou ciência.

No sentido antropológico, a cultura é considerada um atributo exclusivo do gênero humano, que implica símbolos, abstrações e generalizações, e em cujo campo genérico se podem distinguir dois campos particularizados, a saber: o material e o espiritual.

HERSKOVITS apud MELLO (1983, p.34) ao discorrer sobre a unidade e abrangência da Antropologia, afirma:

“Está no fato importantíssimo de que a antropologia, centrando sua atenção no homem, leva em conta todos os aspectos da existência humana, biológica e cultural, passada e presente, combinado esses diversos materiais numa abordagem integrada do problema da existência humana. Diversamente das disciplinas que tratam de aspectos mais restritos do ser humano, a antropologia frisa o princípio de que a vida não se vive por categorias, mas é uma corrente contínua”.

O contexto da divisão da antropologia reflete uma diversidade de segmentações, traduzidas em duas importantes ramificações: Antropologia Física englobando a Etnologia, Etnografia e a Antropologia Social, e Antropologia Cultural composta por seu turno pela Lingüística e a Arqueologia Pré-Histórica.

Dos estudos e preocupações antropológicos àqueles mais afetos a presente monografia, relacionam-se aos conteúdos da Antropologia Cultural, notadamente quanto ao estudo da cultura e das expressões culturais de um povo.

Segundo MELLO (1983, p.37) a antropologia cultural preocupa-se com o estudo dessa obra que se denomina cultura “este conjunto complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, lei, costumes e quais quer outras capacidades e hábitos adquiridos pelo homem enquanto membro da sociedade”.

Cristalino está que o termo cultura é capaz de agregar e reunir uma gama variada de assuntos relacionados com política, religião, arte, artesanato, economia, linguagem, práticas e teorias, crença e razão, que por sua vez demandam uma complexidade e problemáticas das mais diversas matrizes.

1.2 Noções Gerais Sobre Cultura

Toda conceituação traz como conseqüência, todo um universo de questionamentos e discussões uma vez que por mais ecléticas e completas que pretendam ser, são por essência, parciais e até passionais. Desta feita, elabora o conceito de cultura, tem sido uma árdua tarefa, sobretudo pelos aspectos e incompletudes que tal empreitada demanda.

MELLO (1983, p. 40) assim expõe seu conceito de cultura, “cultura é este conjunto complexo que inclui conhecimento, crença, arte, moral, lei, costumes e várias outras aptidões e hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade”.

LEVI-STRAUSS apud MELLO (1983, p.42) afirma em seu conceito de cultura que:

“Denominamos cultura todo o conjunto etnográfico que, do ponto de vista da investigação apresenta, com relação a outros, afastamentos significativos entre América do Norte e a Europa, tratar-se-ão as duas como culturas diferentes: mas, supondo-se que o interesse tenha por objeto afastamentos significativos entre, digamos, Paris e Marselha, estes dois conjuntos urbanos poderão ser provisoriamente construídos como duas unidades culturais. Como objeto último das pesquisas estruturais são constantes ligadas a tais afastamentos, a noção de cultura pode corresponder a uma realidade objetiva, apesar de permanecer função do tipo de pesquisa considerado”.

A cultura enquanto elemento de aprofundamento teórico apresenta várias acepções ou significados, dentre elas destacamos:

- a) Cultura objetiva e cultura subjetiva;
- b) Cultura material e cultural não-material;
- c) Cultura real e cultura ideal;
- d) acepções populares do termo cultura.

O termo abrange ainda um conjunto vasto de características tais como:

- a) A cultura é simbólica, uma vez que é possuidora de significados;
- b) A cultura é social, uma vez que não se concebe a existência da cultura dissociada da existência de pessoas vivendo em comunidade e ou sociedade;
- c) A cultura é dinâmica e estável, dinâmica em função das mudanças de e nos costumes de uma comunidade e ou região e estável, quando observamos a preservação das tradições dessa mesma comunidade de indivíduos vivendo em sociedade;
- d) A cultura é seletiva, no sentido segundo o qual, a cultura apresenta-se em um contínuo processo que implica em constantes reformulações;

e) A cultura é universal e regional, uma vez que todas pessoas demonstram padrões culturais bem como as regiões da qual provêm ou na qual vivem.

1.3 Noções Gerais sobre Cultura Brasileira

Atributo exclusivo do gênero humano, a cultura é, portanto, tão antiga quanto o próprio homem, respeitadas, é evidente, as categorias de diferentes estágios.

Para FERNADES (1989, p. 87):

“O importante dizer que todos os brasileiros de nascimento, brasileiros de criação, brasileiros de adoção, mas sempre brasileiros de coração, que constituímos por meio do amor que dedicamos ao país, individualmente e em conjunto, a expressão distinta do Brasil, somos os portadores da chamada Cultura Brasileira. Somos, conseqüentemente, os transmissores dos modos de sentir, pensar, agir e reagir que se formam como respostas aos estímulos que recebemos do meio em que vivemos”.

A Cultura Brasileira é um todo extremamente complexo, que demanda dos especialistas que a analisam, compartimentação de sua organização social configurada em seus cânones próprios, e de sua estrutura social por meio dos diferentes sistemas que a compõem, presentes em todo e qualquer agrupamento humano.

2 OS PCNS X ENSINO DE ARTES

2.1 PcnS: O que são?

Um estudo mais aprofundado sobre o que são e a que se propõem os Parâmetros Curriculares nacionais nos depara com uma perspectiva de trabalho, voltado para a construção dos conteúdos básicos que devam ser contemplados no universo do Ensino Fundamental e Médio do país. Assim, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) constituem-se em mais uma ação para buscar a qualidade no ensino básico, que não é medida somente pelo rendimento escolar, mas também pela capacidade de formar cidadãos aptos para a vida em sociedade.

Nesse sentido, repensar o conteúdo do que se ensina é tão importante quanto garantir vagas nas escolas e salários dignos para professores. Baseado nesse princípio, o Ministério da Educação e Cultura (MEC) elaborou e está colocando à disposição da sociedade um esboço dos Parâmetros Curriculares Nacionais - um documento aberto para discussão e novas contribuições - com orientações de conteúdos básicos para as disciplinas escolares.

Vê-se, pois que, os PCNs sugerem, ainda, a abordagem de novas questões e abrem a possibilidade para a futura integração dos alunos ao trabalho, ao convívio com a comunidade e ao exercício da cidadania.

Desta feita estes Parâmetros Curriculares servirão para orientar a elaboração ou revisão de currículos nos estados e municípios; constituindo-se em certa medida, como instrumento de referência ao processo de formação de professores; servindo também como mote para nortear a produção de livros didáticos, a atuação da [TV Escola](#) e a avaliação do ensino. Os PCNs propõem

conteúdos básicos cuja proposta e formatação permitem uma utilização flexível. São em suma, uma referência comum para todo o País, mas podem ser adaptados às características de cada região.

Vale ressaltar que “a espinha dorsal” que permeia Os Parâmetros Curriculares Nacionais, pressupõe uma integração envolvendo a experiência educacional já realizada por estados e municípios, que assim pode ser utilizada por professores, diretores e coordenadores no afã de desencadear discussões sobre a proposta educacional de cada escola; sempre ressaltando a importância da contextualização e interdisciplinaridade contingentes a essas propostas.

Em linhas gerais, o que é fundamental notar nos Parâmetros Curriculares Nacionais é a compreensão de que há neste documento de cunho educacional e pedagógico, é uma referência curricular em todas as disciplinas, como Português, Matemática, Geografia, Ciências e História, que assegure às crianças, em qualquer região do País, o direito de usufruir conhecimentos sociais elaborados e necessários para o exercício da cidadania.

Sob essa perspectiva, a orientação proposta nos PCNs, para o processo de ensino e aprendizagem, reconhece a importância da participação ativa do aluno e a intervenção efetiva do professor; reafirma a idéia de que o conhecimento não é algo acabado e está sempre em processo de revisão e reconstrução; reconhece que o processo do conhecimento não se dá por adição e sim por reorganização do conhecimento.

Os PCNs são, por assim dizer, são uma inovação direcionada à sistematização de temas, conteúdos, discussões e ensino de questões como ética, orientação sexual, meio ambiente, saúde, estudos econômicos e pluralidade étnica, reunidos sob a denominação de Convívio Social e Ética. Tais questões são

importantes e atuais e merece um tratamento pedagógico específico e sistemático para a formação e exercício da cidadania, objetivo principal da escola.

A idéia é integrar esses temas às matérias clássicas por meio da transversalidade - significa permear as disciplinas como Matemática, Português e Geografia com as novas questões. Por exemplo, preocupações ambientais podem ser abordadas no estudo de Geografia ou Ciências. O objetivo maior é obter um ensino que sensibilize e dê instrumentos aos estudantes para o convívio social responsável.

Compõem, em linhas gerais, o elenco dos objetivos vislumbrados para o Ensino e Educação Fundamental pelos Pcms que os alunos sejam capazes de:

a) Compreender a cidadania como participação social e política, assim como exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais, adotando, no dia-a-dia, atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si o mesmo respeito;

b) Posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas;

c) Conhecer características fundamentais do Brasil nas dimensões sociais, materiais e culturais como meio para construir progressivamente a noção de identidade nacional e pessoal e o sentimento de pertinência ao País;

d) Conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais;

e) Perceber-se integrante, dependente e agente transformador do ambiente, identificando seus elementos e as interações entre eles, contribuindo ativamente para a melhoria do meio ambiente;

f) Desenvolver o conhecimento ajustado de si mesmo e o sentimento de confiança em suas capacidades afetiva, física, cognitiva, ética, estética, de inter-relação pessoal e de inserção social, para agir com perseverança na busca de conhecimento e no exercício da cidadania;

g) Conhecer e cuidar do próprio corpo, valorizando e adotando hábitos saudáveis como um dos aspectos básicos da qualidade de vida e agindo com responsabilidade em relação à sua saúde e à saúde coletiva;

h) Utilizar as diferentes linguagens — verbal, matemática, gráfica, plástica e corporal — como meio para produzir, expressar e comunicar suas idéias, interpretar e usufruir das produções culturais, em contextos públicos e privados, atendendo a diferentes intenções e situações de comunicação;

i) Saber utilizar diferentes fontes de informação e recursos tecnológicos para adquirir e construir conhecimentos;

j) Questionar a realidade formulando-se problemas e tratando de resolvê-los, utilizando para isso o pensamento lógico, a criatividade, a intuição, a capacidade de análise crítica, selecionando procedimentos e verificando sua adequação.

2.2 Os Pcns e o Ensino de Artes

À guisa das concepções conceituais e filosóficas que nortearam a elaboração dos Parâmetros Curriculares pertinentes ao conjunto de disciplinas e

temas a serem ensinados no contexto da Educação e ensino Fundamental e Médio, na seqüência serão destacados a linha mestra das propostas dos Pcn's para o Ensino e estudo da disciplina artes, em face e particularmente do Ensino Fundamental.

Quanto ao Ensino de artes os Pcn's preconizam que, a educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico, que caracteriza um modo particular de dar sentido às experiências das pessoas: por meio dele, o aluno amplia a sensibilidade, a percepção, a reflexão e a imaginação. Aprender arte envolve, basicamente, fazer trabalhos artísticos, apreciar e refletir sobre eles. Envolve, também, conhecer, apreciar e refletir sobre as formas da natureza e sobre as produções artísticas individuais e coletivas de distintas culturas e épocas.

O Pcn de Arte expõe uma compreensão do significado da arte na educação, explicitando conteúdos, objetivos e especificidades, tanto no que se refere ao ensino e à aprendizagem, quanto no que se refere à arte como manifestação humana.

Em sua primeira parte do documento contém o histórico da área no ensino fundamental e suas correlações com a produção em arte no campo educacional; foi elaborada para que o professor possa conhecer a área na sua contextualização histórica e ter contato com os conceitos relativos à natureza do conhecimento artístico.

Na segunda parte busca circunscrever as artes no ensino fundamental, destacando quatro linguagens: Artes Visuais, Dança, Música, Teatro, Folclore. Nela, o professor encontrará as questões relativas ao ensino e à aprendizagem em arte para as primeiras quatro séries, objetivos, conteúdos, critérios de avaliação, orientações didáticas e bibliografia. Vê-se, pois, que ambas as partes estão

organizadas de modo a oferecer um material sistematizado para as ações dos educadores, fornecendo subsídios para que possam trabalhar com a mesma competência exigida para todas as disciplinas do projeto curricular.

De modo geral, a leitura dos Pcns pode ser realizada a partir de qualquer das linguagens, em consonância com o trabalho que estiver sendo desenvolvido. No entanto, vale lembrar que sua leitura ocorra de maneira global, a fim de que, no tratamento didático, a partir do qual o professor possa respeitar a seleção e a seriação das linguagens.

Como nota introdutória à proposta geral dos Parâmetros Curriculares Nacionais, Arte tem uma função tão importante quanto à dos outros conhecimentos no processo de ensino e aprendizagem. A área de Arte está relacionada com as demais áreas e tem suas especificidades. A educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética, que caracterizam um modo próprio de ordenar e dar sentido à experiência humana: o aluno desenvolve sua sensibilidade, percepção e imaginação, tanto ao realizar formas artísticas quanto na ação de apreciar e conhecer as formas produzidas por ele e pelos colegas, pela natureza e nas diferentes culturas.

2.2.1 Conteúdo em Arte no Contexto dos Pcns

Os Pcns apontam uma proposta de desenvolvimento dos conteúdos programáticos para o Ensino de Artes, versando sobre:

- a) as correlações entre arte e educação;
- b) breve histórico do ensino de artes no Brasil e as perspectivas que embasam tal ensino;

- c) teoria e prática em artes no contexto da Escola Brasileira;
- d) discussões sobre arte enquanto objeto de conhecimento;
- e) noções de como aprender e ensinar arte no contexto do Ensino Fundamental;
- f) os objetivos do ensino de arte no contexto do Ensino Fundamental.

No mesmo sentido, ao tratar sobre o ensino das Artes Visuais, os Pcms são explanam concepções sobre As artes visuais, destacando além das formas tradicionais (pintura, escultura, desenho, gravura, arquitetura, artefato, desenho industrial), demais modalidades que resultam dos avanços tecnológicos e transformações estéticas a partir da modernidade a exemplo da fotografia, artes gráficas, cinema, televisão, vídeo, computação, performance.

Os textos dos Pcms em arte revelam ainda que cada um desses conteúdos é proposto de modo a ser utilizado de modo particular e em várias possibilidades de combinações entre imagens, por intermédio das quais os alunos podem expressar-se e comunicar-se entre si de diferentes maneiras.

Destacam os PCNs à noção segundo a qual, o mundo atual caracteriza-se por uma utilização da Linguagem Visual em quantidades inigualáveis na história, criando um universo de exposição múltipla para os seres humanos, o que gera a necessidade de uma educação para saber perceber e distinguir sentimentos, sensações, idéias e qualidades. Por isso, justifica-se o estudo das visualidades e sua integração nos projetos educacionais.

2.3 O Ensino de Artes e a Educação Fundamental (Lei 9394/1996)

A Lei n.º9394/96 ao disciplinar a educação no país estabelece as Diretrizes e Bases a partir das quais a educação se estabelecerá efetivamente. No caput do seu art. 1.º afirma que:

“a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais”.

Ao estabelecer os princípios a partir dos quais a educação nacional será edificada em todos os níveis e inclusive quanto aos ensinos supletivo, de jovens, adultos e profissionais; reitera que a educação é uma dever da família e do Estado, a ser praticada e desenvolvida fundamentada nos ideais de solidariedade humana buscando o p objetivo maior de contribuir para a conquista da plena cidadania pelo aluno / educando.

No capítulo II da retromencionada Lei, são elencadas às disposições gerais para a constituição de parâmetros para a Educação Básica, onde ficam patentes, entre outras, as concepções:

a) de que a educação básica tem por finalidades desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhes meio para progredir no trabalho e em estudos posteriores;

b) os currículos do ensino fundamental e médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela, inclusive

com a informação sobre os aspectos culturais e folclóricos das respectivas regionalidades.

2.4 O Ambiente Escolar

Vale destacar que num mundo globalizado, as exigências quanto à qualificação intelectual e profissional e demandam que o poder público, ao cumprir seus deveres constitucionais, deve observar quanto à educação, a premissa segundo a qual uma educação eficiente é aquela capaz de qualificar os que nela ingressam, contextualizando-os para um mercado de trabalho competitivo e seletivo. Sob essa ótica pautou-se a escolha do exercício de uma prática didático-pedagógica, à luz dos ditames e propostas da presente monografia, que subsidia a realização do PROFOPE. Na seqüência serão apresentados um breve histórico do bairro onde está localizada a escola pública na qual realizou-se o trabalho de campo.

Situada na região leste do estado de Sergipe, Aracaju ocupa uma área de 181.8 km², limitando-se com os municípios de São Cristóvão, Nossa Senhora do Socorro e Santo Amaro das Brotas, banhando-se com as bacias hidrográficas do rio Sergipe, Vaza-Barris, do Sal, Poxim, Pitanga e Canal de Santa Maria. Possui uma população superior a 461.461.534 habitantes, dados do Censo do IBGE de 2000.

A educação em Aracaju é seletiva, já que as escolas e faculdades particulares, em geral, são freqüentadas por pessoas com grande e médio poder aquisitivo uma vez que o ensino público fundamental, médio e superior apresentam deficiência nas estruturas físicas da escola (instalação hidráulica, elétrica e

sanitária), de material didático e recursos humanos e uma deficitária remuneração aos professores e demais funcionários. Tendo em vista o contexto educacional retromencionado faz-se necessário a elaboração de uma política educacional voltada para o aprendizado de tecnologias básicas, a compreensão da ciência, das letras e das artes com interação da comunidade, em que a família tenha mais acompanhamento junto à escola.

Desenvolvemos nossas atividades de regência, em duas escolas públicas estaduais, situadas em bairros periféricos de nossa cidade, quais sejam: o Colégio Estadual Governador Augusto Franco localizado no Bairro Santos Dumont, com 16 salas de aula, 01 biblioteca, 01 sala de vídeo, está subordinado administrativamente a rede estadual de ensino, funcionando em três turnos, tendo no turno matutino 427 alunos, vespertino 548 e noturno 820 totalizando 1795 alunos.

Fundada através do Ato de Criação nº 4996/81 de 08 de maio de 1981 e a Resolução de Autorização o nº 036/89; o Colégio Estadual Augusto Franco, atende a comunidade estudantil dos bairros: Lamarão, Soledade, Cidade Nova e Sanatório. Seu quadro administrativo é composto por 1 diretor, 3 técnicos, 1 secretário, 68 professores, 10 serventes, 4 vigias e 2 porteiros.

Oferecendo curso os cursos do ensino fundamental e médio, os currículos respectivos apresentam uma base fundamental comum, sendo complementados com uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela. Constitui-se como componente curricular obrigatório os diversos níveis da educação básica, a educação física (facultativa no curso noturno).

São oferecido ensino da arte e ensino religioso, sendo este último facultativo para o aluno e ministrado em todas as séries do ensino fundamental. No

que se refere à parte diversificada do currículo, é obrigatório a existência da diversificação dos conteúdos já a partir da 5ª série e no ensino médio, a disciplina Artes.

Enquanto aluno do PROFOPE, nossa primitiva graduação ocorrera em administração de empresas; atualmente lecionando, provisoriamente, a disciplina Língua Inglesa, em face de um contrato de prestação de serviço junto a Secretaria de Estado da Educação desde julho de 1985, onde atualmente, desenvolvemos nossas atividades docentes.

A elaboração das atividades prática levada a termo no contexto da prática didático-pedagógica desenvolvida fundamentou-se na metodologia da pesquisa concebida por Michel Thiollent, com a finalidade de conscientização a comunidade escolar como um todo de que os problemas detectados na unidade escolar são de responsabilidade de todos e não só do poder público com o fito de atingirmos a maturidade para o exercício da verdadeira cidadania.

Nesse passo, o desenvolvimento e elaboração de um trabalho desse jaez, oportunizam divulgar o folclore sergipano junto a comunidade estudantil, uma vez que, a memória de um povo deve ser resguardada como patrimônio cultural que é, e enquanto sinônimo de identidade cultural.

Importante ressaltar que costumes, comportamentos, linguagens e demais aspectos histórico-sociológicos de um povo, são de suma importância para a construção dos sentimentos de nação, cidadania e contextualização do educando, no contexto dos processos educacionais dos quais participa e dos quais é o sujeito maior. Ensinar artes é promover no aluno, seu reconhecimento de que ele também é um ser dotado de capacidade artística sendo também capaz de admirar e identificar

as manifestações culturais do mundo e que vive, e das comunidades de onde provém.

Para a sua concretização, far-se-á a introdução planejada de ações pedagógicas utilizando-se de instrumentais e estruturas disponíveis tais como: retro-projetor, slides, filmes, assim como, apresentações de grupos folclóricos e teoria do folclore destacando-se obras e incursões de artistas sergipanos.

2.4.1 Considerações Gerais Sobre a Experiência Prática

São apresentados as linhas gerais, que apontam o conjunto dos objetivos gerais norteadores da atividade pedagógica relativa às atividades e conteúdos em artes, desenvolvidos no contexto da sala de aula.

Assim, atuando como agente de socialização desde 1985, atualmente lotado no Colégio Estadual Governador Augusto Franco, nos chama atenção os problemas decorrentes da falta de aprendizagem percebemos que os alunos têm dificuldade na aprendizagem/interesse pela disciplina artes por falta de mecanismos que os estimulem. Diante do exposto, o que mais contribui é a falta de estrutura, acompanhamento e estímulo por parte da escola e da família. Pois ao detectarmos carência de professores qualificados, observamos ser fundamental nos dias de hoje que o professorado tenha entendimento de cultura geral para que possa trabalhar com sucesso essa disciplina.

Quanto aos objetivos gerais do trabalho e vivência práticos destacam-se:

- a) identificar as figuras proeminentes do folclore regional;
- b) reconhecer a sua aplicabilidade na sua cultura geral;

- c) favorecer a realização de um seminário com a temática em apreciação;
- d) esperar que com o estudo e assimilação dos objetivos traçados, os alunos possam fazer uma correlação entre o conteúdo do processo ensino e aprendizagem com o cotidiano, sendo capazes de desenvolver o senso crítico com vistas à resolução dos problemas que os envolvem.

3. Folclore: Aspectos Antropológicos e Conceituais

Ainda que o Folclore possa seja considerada uma disciplina autônoma, e repleta de caráter antropológico, é inegável a gama de conceitos e termos de origem antropológica por ele utilizado, e nesse sentido, necessário se faz a retomada de tal repositório conceitual, que, emprestando informações ligadas à antropologia cultural, torna claro muito dos termos e terminologias que permeiam o estudo sobre o Folclore.

Tratar do tema Folclore é tarefa árdua, uma vez que trata-se de um assunto vastíssimo, e para tanto, entende-se fundamental a delimitação do objeto de estudo da ciência do Folclore.

Para P. SAINTYVES apud MELLO (1983,p.471) o objeto do Folclore é visto como:

“O Folclore estuda a vida popular, mas na vida civilizada. Não há matéria folclórica junto a povos onde não se podem distinguir duas culturas; a da classe instruída e a da classe popular. Demais, é necessário que a definição de nossa ciência especifique que ela se ocupa da sabedoria e da vida populares, junto aos povos civilizados. Há um folclore da maior parte da Índia e da China; não há folclore dos Cafres ou dos Peuhis. Junto a estes últimos, a vida da nação revela-se inteiramente pela etnografia”.

Sobre o tema debruçou-se Câmara Cascudo (1973, p. 30) que, externando suas aceções para o termo Folclore advertira para o fato segundo o qual, todos os povos seriam possuidores de dois tipos de conhecimento: “ um oficial, regular, ensinado pelo colégio dos sacerdotes ou direção do rei e o não oficial, tradicional, oral, anônimo, independente do ensino sistemático porque trazido nas

vozes das mães, nos contos de caça e pesca, na fabricação de pequeninas armas, brinquedos e assombros”.

- Fato Folclórico

Aspecto bastante relevante quando se aborda questões envolvendo o Folclore, é importante destacar a noção de Fato Folclórico, como sendo um divisor de águas quando se quer identificar e diferenciar folclore e cultura popular, cultura de massa e ou cultura popularesca.

Na busca de critérios balizadores do que venha a ser Fato Folclórico, CASCUDO apud MELO (1983, p.474) apresenta quatro características básicas deste: a) antigüidade; b) persistência; c) anonimato; d) oralidade.

Por antigüidade em sede de fato folclórico, é característica segundo a qual, um fato folclórico para ser assim considerado, há de revestir-se do condão de ser conhecido ao longo dos anos, cantada de forma reiterada e anônima.

Quanto à permanência, o fato folclórico é considerado por constituir-se ao longo do tempo, em memória coletiva de uma determinada comunidade e ou região.

No que tange ao anonimato esta característica se configura pela realidade segundo a qual em geral um povo conhece a tradição, canção, dança, ou quaisquer manifestações artísticas; a exercitam de maneira reiterada, mas, no entanto, desconhecem seu autor, ou se quer se interessam em saber quem as criou.

Quanto à oralidade, esta é de fundamental importância. Trata-se da técnica utilizada para difusão do folclore. Dessa feita, o folclore tem sido transmitido de pessoa a pessoa e por via oral. Aqui a via principal da comunicação é exercitada

por via pessoal, incluindo-se nesses mecanismos tanto a palavra oralizada, como o gesto, a ação, o odor, o paladar e o tato.

3.1 Que é Folclore?

O folclore é o modo que um povo tem para compreender o mundo em que vive. Conhecendo o folclore de um País, podemos compreender o seu povo. E assim conhecemos, ao mesmo tempo, parte de sua História. Mas para que um certo costume seja realmente considerado folclore, dizem os estudiosos que é preciso que este seja praticado por um grande número de pessoas e que também tenha origem anônima.

A palavra surgiu a partir de dois vocábulos saxônicos antigos. "Folk", em inglês, significa "povo"; e onde "lore", significa conhecimento. Assim, folk + lore (folklore) quer dizer "conhecimento popular". O termo foi criado por William John Thoms (1803-1885), um pesquisador da cultura europeia que em 22 de agosto de 1846 publicou um artigo intitulado "Folk-lore". No Brasil, após a reforma ortográfica de 1934, que eliminou a letra k, a palavra perdeu também o hífen e tornou-se "folclore".

- Considerações históricas sobre o Folclore

Vale lembrar que, a exemplo da Lingüística e da ciência História, o folclore, conjunto de manifestações da cultura popular tradicional, retrata a alma de

um povo, exprimindo sentimentos e valores estéticos que muitas vezes influenciam as expressões mais elaboradas da cultura de cada nação.

A palavra folclore também se aplica à ciência que estuda essas manifestações. Até fins do século XVIII, as elites cultas consideravam as expressões da cultura popular, fossem elas danças, contos, sagas ou peças de artesanato, como produtos da ignorância e do desconhecimento das ciências e artes, patrimônio das classes superiores.

No início do século XIX, alguns estudiosos começaram a valorizar certas criações populares como a poesia, na qual encontravam um frescor e uma profundidade que contrastava com o formalismo e a rigidez da arte acadêmica.

O estudo do folclore tem-se desenvolvido em três vertentes principais: a humanística, a antropológica e a psicanalítica. A primeira perspectiva examina os fenômenos folclóricos, sobretudo os literários, de forma crítica.

A escola antropológica relaciona as produções folclóricas com a totalidade da cultura a que pertence e revela as normas e os valores que deixam transparecer. Para a perspectiva psicanalítica, mitos, sonhos, chistes e contos de fadas expressam camadas ocultas de desejos e medos inconscientes.

As três vertentes de estudo do folclore não se excluem entre si, mas desde a década de 1960 os estudiosos costumam dar preferência ao enfoque da escola antropológica. Os folcloristas também estão acordes em que as criações populares servem a múltiplos propósitos.

Assim, a literatura folclórica, com seus heróis sobre-humanos, seus países maravilhosos e seus seres fantásticos, permitem às pessoas escaparem do estreito círculo da vida cotidiana. Essa literatura responde também às grandes indagações do homem sobre sua própria origem e a origem do mundo, sobre sua história e

destino. Mostra ainda a utilidade e o sentido das instituições sociais, ao mesmo tempo em que instrui sobre o comportamento social correto. Desse modo, o folclore, que nesse sentido se relaciona com o mito, atua como elemento de coesão da sociedade humana.

Para (ver autor) o folclore, pois, difunde-se e adapta-se de maneira permanente, e assim seus elementos são ao mesmo tempo estáveis e acentuadamente mutáveis. Em termos gerais, é possível afirmar que o acervo folclórico universal é constituído pela literatura, pela música e a dança, e por criações de ordem material.

- Acervo Universal Folclórico: Generalidades

Ø Na Literatura

Mitos, poemas, contos, adivinhas, canções, sagas, ritos e provérbios transmitidos por via oral são modalidades da literatura folclórica. Essas formas literárias são objeto de incontáveis repetições diante de platéias que, apesar de as conhecerem desde sempre, continuam a ouvi-las com deleite.

Nesse passo, a literatura folclórica tem relação com a mitologia e está geralmente pontilhada de fórmulas mnemônicas em expressões como: "Era uma vez...", "casaram-se e viveram felizes para sempre". Mesmo expressões desprovidas de sentido, mas úteis para a memória, facilitam a repetição correta.

Essa facilidade de repetição pode ser apreciada nas canções folclóricas dos mais diversos povos. Em alguns casos, essas canções praticamente prescindem

do texto e isso demonstra que seu elemento mais importante é a música. Em todas as suas formas, porém, as canções folclóricas exprimem as emoções próprias do grupo que as cria, suas idéias estéticas e crenças religiosas. O teatro é também um componente do folclore. Geralmente consiste em danças acompanhadas da repetição de poemas ou textos sagrados.

A expressão mais difundida da literatura folclórica talvez seja os contos, cuja origem remonta às épocas mais remotas. Ao contrário dos mitos e das fábulas, os contos não precisam ser criados por alguém, e por isso, ao mesmo tempo em que respeitam as convenções culturais, podem apresentar uma enorme variedade de temas.

As narrativas dos irmãos Grimm e de Charles Perrault ("A Gata Borralheira", "Chapeuzinho Vermelho" etc.) são apenas alguns dos contos folclóricos mais conhecidos, especialmente após sua difusão escrita. Relacionadas com os contos são as fábulas folclóricas cujos personagens são quase sempre animais, e das quais se pode extrair um preceito moral ou social.

Ø No contexto da música e dança

Todas as culturas criaram formas musicais para acompanhar seus trabalhos, ritos e festas. Os folcloristas acreditam que tais canções sejam fruto de criações individuais, mesmo que depois apresentem alterações introduzidas por seus usuários.

A música folclórica é geralmente monofônica (executada por uma só voz), embora em algumas partes do mundo sejam comuns às canções para duas ou mais vozes. Cumpre distinguir essa música folclórica da que se denomina popular ou

ligeira, composta por profissionais para enormes platéias, e que é um fenômeno que data somente do século XIX.

Mais difícil é delimitar a área exata das danças folclóricas, que para alguns são apenas as que têm funções mágicas ou econômicas, e para outros todas as que foram criadas por algum povo, de maneira espontânea, em suas atividades cotidianas. Uma terceira concepção pretende que as danças populares constituam a origem de manifestações elaboradas, como o flamenco (de origem espanhola) andaluz ou as danças da Índia, que requerem grande especialização.

Vale dizer que quanto a origem das danças folclóricas encontram-se sobrevivências de ritos pré-históricos, ainda que em muitas seja também evidente a contribuição das novas religiões, como a cristã.

Ø Criações de cunho material

O acervo das obras do folclore inclui ainda objetos materiais, que vão desde pequenos objetos até obras arquitetônicas. Seus criadores os produzem para algum uso imediato com os materiais mais à mão, seguindo modelos tradicionais que nenhum artesão costuma desrespeitar.

A arquitetura folclórica, de que há exemplos em quase todo o planeta, tem uma orientação predominantemente doméstica, embora também existam construções populares para usos religiosos, públicos ou utilitários, como no caso dos celeiros galegos.

Existe uma pintura folclórica que se adaptam aos mais diversos objetos, como móveis, imagens de santos e até exteriores de casas. As classes populares

também criaram uma arte religiosa própria, que pode ser vista nos presépios cristãos.

3.2 Folclore Brasileiro

- Aspectos do Folclore no Brasil

Ø Literatura oral

Entre os exemplos de literatura oral no Brasil destacam-se poesias (cancioneiro, desafios, testamentos de Judas), narrativas (contos, fábulas, mitos e lendas, a que se podem acrescentar histórias como a Donzela Teodora e os Pares de França), romances (a Bela Infanta, o Soldado Jogador, a Nau Catarineta) e gestas, enigmas e adivinhas, anedotas, trava-línguas ("um ninho de mafagafos cheio de mafagafinhos", "a aranha arranha a jarra, a jarra arranha a aranha"), pregões, inscrições, como as de caminhão ("pobre só enche barriga quando morre afogado"), missivas como os "pão-por-Deus" catarinenses, provérbios e comparações ("cotia ficou sem rabo de tanto fazer favor", "o direito do anzol é ser torto", "antes fanhoso do que sem nariz"), os pasquins manuscritos, os abecês e, em geral, a literatura de cordel.

As tradicionais histórias sobre seres fantásticos, também fazem parte do folclore brasileiro e são transmitidas oralmente de geração para geração. Os seus principais personagens têm origem indígena ou européia, senão vejamos:

Boitatá - Gênio protetor dos campos. É uma enorme serpente de fogo que mata quem destrói as florestas. O padre José de Anchieta, em 1560, é o primeiro a

mencionar o Boitatá como personagem de mito indígena brasileiro. Esse também é o nome dado pelos índios ao fenômeno do fogo-fátuo - combustão espontânea de gases emanados de cemitérios ou pântanos.

Boto - Rapaz bonito, bem-vestido, boêmio e ótimo dançarino, que aparece à noite nos bailes. Encanta as moças, leva-as para riachos afluentes do rio Amazonas e as engravida. Por isso é tido como o pai das crianças de paternidade ignorada. Antes do amanhecer, mergulha no rio e se transforma em boto. Mito amazônico é chamado também de boto tucuxi.

Caipora - Personagem das florestas que tem o poder de atrapalhar os negócios de quem o vê. Quando um projeto sai errado se diz que seu autor viu o Caipora, ou Caapora. Mito de origem tupi, em algumas regiões é um indiozinho de pele escura. Em outras, uma indiazinha feroz. É descrito também como criança de uma perna só e cabeça enorme.

Cuca - Velha feia que ameaça crianças desobedientes, em especial as que não querem dormir à noite. Esse personagem, que aparece nas cantigas de ninar, apresenta influência do mito da bruxa, de origem européia.

Curupira - Anão com os pés virados ao contrário, calcanhar para frente, dedos para trás. Seu rastro engana os caçadores fazendo com que eles se percam na floresta. É protetor das árvores e dos animais. Mito conhecido de vários índios sul-americanos, tem diversas denominações. Na Venezuela, o chamam de Máguare; na Colômbia, Selvage; e os incas peruanos o denominam Chudiachaque. Em alguns lugares é descrito como sendo careca e, em outros, como tendo uma cabeleira vermelha.

Iara - Mulher da cintura para cima e peixe da cintura para baixo, como as sereias, é também chamada de mãe-d'água. Seu canto é irresistível aos ouvidos dos homens, que são atraídos para o fundo dos rios e lagos, onde ela vive.

Lobisomem - Homem aparentemente comum, que vive e trabalha como os demais da comunidade. Nas sextas-feiras de lua cheia transforma-se em um lobo ou em um homem com cabeça de lobo, que mata quem cruza o seu caminho. Antes de o dia clarear readquire forma humana. Diz a lenda que o filho do sexo masculino nascido depois de sete meninas sempre se torna lobisomem.

Matintapereira - Pequena coruja que canta à noite para anunciar a morte próxima de uma pessoa, segundo a mitologia tupi. Descrevem-na também como mulher grávida que deixa o feto na rede de quem lhe nega fumo para o cachimbo.

Mula-sem-Cabeça - Personagem monstruosa em que se transforma a mulher que tem relações sexuais com padres ou compadres. Como o nome diz, não tem cabeça e solta fogo pelo pescoço cortado. Acredita-se que a metamorfose se dá nas noites de sexta-feira. Assusta as pessoas com seu galope e com as correntes que arrasta.

Negrinho do Pastoreio - Espécie de anjo bom, ao qual se recorre para achar objetos perdidos ou conseguir graças. Na tradição gaúcha é a alma de um negrinho escravo que o dono de uma estância puniu injustamente, açoitando-o e depois amarrando-o sobre um formigueiro. No dia seguinte seu corpo apareceu intacto, como se não tivesse sofrido nenhuma picada, e sua alma passou a vagar pelos pampas.

Saci-Pererê - Negrinho de uma perna só, que fuma cachimbo e cobre a cabeça com um gorro vermelho. É inofensivo: diverte-se assustando gado no pasto, dando nó em rabo de cavalo e criando pequenas dificuldades domésticas. Para

aprisioná-lo diz-se que é preciso jogar uma peneira com cruzeta num redemoinho e tirar o seu gorro, fonte de seus poderes mágicos.

Ø **Folclore Infantil Brasileiro**

Na área do folclore infantil inserem-se as rondas (cirandinha, ponte da Vinhaça, a linda rosa juvenil), parlendas ("bão-balalão, senhor capitão, espada na cinta, ginete na mão"), mnemonias ("um, dois, feijão com arroz"), formulettes para escolher o pegador ou animar o brinquedo ("para mim já pode, cara de bode"), jogos de salão ou ao ar livre (berlinda, anel, amigo-amiga, amarelinha, carniça, bola de gude), o teatro das crianças.

Ø **Crendices e superstições**

Entre as crendices e superstições alinham-se prenúncios (derramar pó de café: zanga na certa; colher caindo ao chão: visita de mulher), agouros (o pio da coruja, o uivo do cão, o número 13, a sexta-feira e o gato preto), o mundo sobrenatural (fantasmas e assombrações), abusões (lobisomem, mula-de-padre), os demônios, a magia (bruxarias, adivinhações, profecias, sortes mágicas), concepções do mundo e da vida, cultos e devoções (são Gonçalo violeiro, casamenteiro das velhas) e os tipos humanos por eles criados, taumaturgos, beatos e fanáticos.

Ø **Lúdica**

Entre as diversões cabe citar jogos e sortes (capoeira, maculelê), danças e bailes (samba de umbigada, moçambique, chimarrita, ciriri, cana-verde), cortejos,

como as folias de Reis e do Divino, escolas de samba, ternos e ranchos, autos dramáticos e cômicos (cheganças, cavalhadas de mouros e cristãos, reisados, congadas, bumba-meu-boi), o teatro de bonecos (mamulengos) e as festas tradicionais do calendário católico, como são João, carnaval, são Benedito, a Senhora do Rosário, o círio de Nazaré.

Ø **Artes e técnicas**

No campo das realizações materiais incluem-se a pintura, a escultura (madeira, ferro, balata, guaraná, ex-votos), a cerâmica utilitária, decorativa e figurativa, a decoração doméstica, a vestimenta de vaqueiro, de baiana, de gaúcho, adornos pessoais, técnicas de construção (casas de sopapo, barracos e pernas-de-pau), os artesanatos de rendas e bordados, de chapéus, redes, utensílios de pesca, cestos, gaiolas, bonecos e brinquedos (de pano, capim, miolo de pão, madeira, lata ou de papelão).

Ø **Música**

São inúmeras no Brasil as manifestações de música vocal e instrumental, além de instrumentos típicos (tambor, cuíca, berimbau, viola de cocho, rabeca) e os conjuntos instrumentais (zé-pereira, banda cabaçal e outros).

Ø **Usos e costumes**

Área de riquíssima diversidade é a dos costumes agrícolas (mutirão) e pecuários (apartação), e especialmente na alimentação (com destaque para a

doçaria, os cordiais e as aguardentes), a culinária (caruru e vatapá na Bahia, tacacá no Pará, arroz-de-cuxá no Maranhão, barreado no Paraná, maniçoba no Nordeste), os mundéus, as armadilhas de caça e da pesca, a medicina de chás, pomadas, mezinhas, rezas e benzimentos, o comércio (o bolicho da fronteira oeste, o flutuante do Amazonas, as breganhas de Taubaté) e o transporte (carro de bois, o reboque amazônico, o boi de sela de Marajó e do pantanal), as cerimônias rituais, chamadas ritos de passagem, que marcam nascimento, batismo, primeira comunhão, noivado, casamento e morte.

Ø Linguagem

Na vasta área da linguagem gestual e verbal, citem-se a mímica, a metáfora, na suplementação da deficiência vocabular, os nomes, apelidos ou cognomes, as frases feitas ("comer o pão que o diabo amassou", "tirar o cavalo da chuva", "botar o carro adiante dos bois"), as formas de tratamento ou etiqueta, os epítetos de naturais de estados e cidades (papa-goiaba, barriga-verde, "campista, nem a prazo, nem à vista"), a gíria e as linguagens especiais, quase sempre de ladrões, de embarcações, de motoristas.

Ressaltem-se ainda as rinhas de galos, os papagaios de papel, o jogo do osso, pios que imitam aves, os cantos de trabalho, o serra-a-velha, o pau-de-sebo, os amuletos (olhos-de-boto, figas, patuás), o jantar dos cachorros, a encomendação das almas, o carimbó, gigantões, carrancas de proa, ladainhas e procissões para pedir chuva.

3.3 Expressões do Folclore Sergipano

Historicamente o território sergipano fora ocupado por europeus a partir de do séc. XVI (1590), embora antes mesmo dessa data, os negros fugidos que aqui se juntaram aos indígenas; e nesse processo fundiram-se costumes, formas de produzir e coletar alimentos, crenças, linguagens e outros símbolos, dando-se com isto, início à formação do que é denominado sergipanidade.

Acresce ressaltar que o território sergipano apresenta características geográficas que vão marcar a sobrevivência e a forma de alimentação das populações locais, que utilizam muitas técnicas herdadas dos indígenas. Nesse passo, são inúmeras as contribuições dessas heranças à formação do cardápio típico das diversas localidades dos municípios sergipanos a exemplo de: mariscadas à base de sururus, maçunins, lambretas, sarnambi, camarões associados aos aratus, guiamuns e caranguejos.

Segundo BARRETO (1992),

“um rico artesanato fora construído ao longo do tempo, um dos muitos exemplos da criatividade popular, cujas matérias-primas são basicamente: palhas, tecidos feitos à base de tiaras de taboca (árvore da região do baixo São Francisco); também os delicados bordados, das bordadeiras de Tobias Barreto e da região ribeirinha; o artesanato, a louça e a cerâmica de Carrapicho atual Santana do São Francisco, compõem, entre outras, a riqueza artístico-folclórica do estado de Sergipe.”

Sergipe guarda em sua história e tradição muito das culturas indígena, portuguesa e negra e um dos mais ricos folclores do Brasil. São inúmeras as manifestações culturais que nos remetem ao passado e garantem, no presente, uma permanente interação entre as mais diversas comunidades responsáveis pela continuidade do nosso folclore. A seguir, você fará uma viagem pelo que há de mais

bela na cultura popular sergipana, destacando-se a cidade de Laranjeiras que concentra, até hoje, o maior número de manifestações folclóricas do Estado, muitas das quais já extintas no resto do país.

- **REISADO**

O Reisado, de origem ibérica, se instalou em Sergipe no período colonial. É uma dança do período natalino em comemoração ao nascimento do menino Jesus e em homenagem aos Reis Magos. Antigamente era dançado às vésperas do Dia de Reis, estendendo-se, o Reisado é dançado, também, em outros eventos e em qualquer época do ano.

A cantoria começa com o deslocamento do grupo para um local previamente determinado, onde é cantado “O Benedito”, em louvor a Deus, para que a brincadeira seja abençoada e autorizada. A partir daí, começam as “jornadas”. O enredo é formado pelos mais diversos motivos: amor, guerra, religião, história local etc., apresentado em tom satírico e humorístico, originando um clima de brincadeira.

O Reisado é formado por dois cordões que disputam à simpatia da platéia e são liderados pelas personagens centrais: o “**Cabloco**” ou “**Mateus**” e a **Dona do Baile**”. Também se destaca a figura do “Boi”, cuja aparição representa o ponto alto da dança. Os instrumentos que acompanham o grupo são violões, sanfona, pandeiro, zabumba, triângulo e ganzá.

O Reisado tem como característica o uso de trajes de cores fortes e chapéus ricamente enfeitados com fitas coloridas e espelinhos.

- **TAIEIRAS**

As Taieiras, grupo de influência africana e forte característica religiosa têm, também, seu lado profano. Sob o aspecto religioso, o objetivo da Taieira é a louvação, dirigida a Nossa Senhora Rosário e a São Benedito, ambos padroeiros dos negros no Brasil.

Em Laranjeiras, o festejo é ponto alto das comemorações do Dia de Reis. O momento da coroação da “Rainha das Taieiras” ou “Rainha do Congo” e o ápice da festa, realizada na Igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. Durante a missa, a coroa da santa é retirada e colocada na cabeça da “Rainha”. Tocando quexerés e tambores, as Taieiras – trajando blusa vermelha e saia branca cortada por fitas coloridas – seguem pelas ruas da cidade cantando cantigas religiosas. Faz parte do roteiro a passagem pelo rio, onde Iemanjá é louvada fato ligado ao sincretismo religioso entre a Igreja Católica e os rituais afro-brasileiros.

Em Sergipe podemos encontrar as Taieiras nos municípios de Laranjeiras e Japarutuba.

- **LAMBE-SUJO E CABOCLINHO**

São dois grupos folclóricos unidos num folguedo que se baseia no episódio da destruição dos quilombos. O grupo dos **Lambe-Sujos** é formado por meninos e homens totalmente pintados de preto, usando uma mistura de tinta preta e melão de cana-de-açúcar para ficar como pele brilhosa. Eles usam short e um

gorro de flanela vermelha. Nas mãos, uma foice, símbolo de luta pela liberdade. Faz parte do grupo o **Rei**, a **Rainha** e a **Mãe Suzana**, representando uma escrava negra.

Após uma alvorada festiva, os Lambe-Sujos saem às ruas, acompanhados por pandeiros, cuícas, reco-recos e tamborins roubando diversos objetos de pessoas da comunidade que são guardados no “mocambo”, armado em praça pública. A devolução dos objetos é feita mediante contribuição em dinheiro pelo proprietário do objeto roubado.

Junto com os Lambe-Sujos se apresentam os **Caboclinhos**, que pintam o corpo de roxo-terra e usam indumentária indígena: enfeites de penas, cocar e flecha nas mãos. A brincadeira consiste na captura da rainha dos Caboclinhos pelos Lambe-

Sujos, que fica aprisionada. À tarde, há a tradicional “batalha” pela libertação da rainha, da qual os Caboclinhos saem vitoriosos. O grupo musical que acompanha o folgado é composto de ganzás, pandeiros, cuícas, tambores, e reco-recos.

Hoje, a “Festa de Lambe-Sujo”, como é conhecida, tornou-se uma das mais importantes da cidade de Laranjeiras, acontecendo sempre no segundo domingo de outubro.

- **CACUMBI**

Não se sabe ao certo a origem do **Cacumbi**, acredita-se que é uma variação de outros autos e bailados como Congada, Guerreiro, Reisado e Cucumbi. O grupo apresenta-se na **Procissão de Bom Jesus dos Navegantes** e no **Dia de Reis**, quando a dança é realizada em homenagem a São Benedito e Nossa Senhora do Rosário.

Pela manhã, os integrantes do grupo assim à missa na igreja, onde cantam e dançam em homenagem aos santos padroeiros. Depois das louvações, o grupo sai „às ruas cantando músicas profanas e, à tarde, acompanham a procissão pelas ruas da cidade. Seus personagens são: o Mestre, o Contra-Mestre e os dançadores e cantadores; o grupo é composto exclusivamente por homens. Os componentes vestem calça branca, camisa amarela e chapéus enfeitados com fitas, espelhos e laços. Só o Mestre e o Contra-Mestre usam camisas azuis. O ritmo é forte, o som marcante e o apito coordena a mudança dos passos. Os instrumentos que acompanham o grupo são: cuíca, pandeiro, reco-reco, caixa e ganzá. Em Sergipe, o Cacumbi é encontrado nos municípios de **Lagarto, Japaratuba, Riachuelo e Laranjeiras.**

- **CHEGANÇA**

Folguedo popular de origem portuguesa, que, chegando ao Brasil, transformou-se em ato popular pertencente ao ciclo natalino. Durante a apresentação, o grupo conta a histórias das lutas travadas entre mouros e cristãos, objetivando a expulsão do mouro invasor, e relata acontecimentos ocorridos no mar. A apresentação – culminando na abordagem dos mouros, que são vencidos e batizados – acontece sempre em frente das igrejas, onde uma embarcação de madeira é montada para o desenvolvimento das jornadas.

Os personagens de Chegança usam trajes semelhantes aos da Marinha Brasileira, como também a titulação: General, Almirante, Capitão, Tenente, etc., tendo cada um deles uma participação especial no drama. Os Mouros são representados pelo Rei, pela Rainha, Embaixadores e Princesas. A coreografia é

acompanha por quatro ou seis pandeiros que acompanham o coro de vozes. O General, comandando das evoluções, usa um apito para a mudança das marchas. O pandeiro é o principal instrumento de acompanhamento. Bastante teatral, a apresentação completa da Chegança demora, geralmente, 60 minutos e é composta basicamente por duas partes: o cortejo – deslocamento do grupo para o local da apresentação – e as partes dramáticas, compostas por diversas encenações.

- **DANÇA DE SÃO GONÇALO**

Dança de origem lusitana, em homenagem a **São Gonçalo do Amarante**, muito popular em Portugal. Em Sergipe, a dança apresenta-se viva principalmente no povoado **Mussuca**, no município de **Laranjeiras**. O grupo dança em festas religiosas e pagamento de promessas.

Conta a lenda que **São Gonçalo** – um frade dominicano que teria vivido no **Amarante**, no século XII -, teria assumido a missão de converter as prostitutas. Ele tocava viola e dançava com as prostitutas da região, com o intuito de impedi-las de pecar. Quando o frei morreu, foi santificado e a dança inventada por ele para distrair as mulheres do pecado continua sendo realizada até hoje, em sua homenagem.

Quando realizada para pagamento de promessas, a dança segue um ritual básico que inclui um almoço oferecido pelo pagador de promessa aos participantes, a procissão e a dança. A dança completa inclui, além de ritual básico, mais sete ensaios, tendo como personagens o **Patrão**, que tira os cânticos e comanda a dança; a **mariposa** – única mulher participante, que conduz a imagem do santo dentro de uma pequena barca – os **tocadores** e os **dançadores**. A dança é

acompanhada por violões, pulés e caixa, tocada pelo “Patrão”, que tira o canto e comanda a dança.

Enquanto o Patrão traja-se de marinheiro, como alusão a **São Gonçalo do Amarante**, os dançadores usam trajes femininos: por cima das calças usam anáguas e saias floridas e um xale colorido enfeitado com fitas. Na cabeça usam turbante branco enlaçado de fitas coloridas. Tocadores e a “Mariposa” não usam roupas especiais.

- **PARAFUSO**

Conta-se que no tempo da escravidão, os escravos negros fugitivos saíram à noite para roubar as anáguas das sinhazinhas deixadas no quaradouro. Cobrindo todo corpo até o pescoço, sobrepondo peça por peça, nas noites de lua cheia saíram pelas ruas dando pulos e rodopiando em busca da liberdade. A superstição da época contribuiu para que os senhores ficavam apavorados com tal assombração – acreditando em almas sem cabeça e outras viagens – e não ousavam sair de casa.

Após a libertação, os negros saíram pelas ruas vestidos do jeito como faziam para fugir dos seus donos. Nasceram assim os parafuso.

Trajando uma seqüência de anáguas, cantarolando, pulando em movimentos torcidos e retorcidos, um grupo exclusivamente de homens – representando os escravos negros – formam o grupo folclórico “Parafuso” da cidade de Lagarto. Os instrumentos que acompanham o grupo são triângulos, acordeom e bombo.

- **CANGACEIROS**

Em 1960, Azulão, um dos homens de lampião, formou um grupo composto de 17 homens e 2(duas) mulheres, representando Maria Bonita e Dada, vestidos de cangaceiros e, com eles saiu cantando e dançando em ritmo de forró pelas ruas de Lagarto; costume vivo até hoje, revivendo as estórias e histórias de Lampião cantadas e decantadas em prosa e verso. O grupo tem como indumentária, chapéus de couro enfeitados, camisas de mangas longas com divisas nos ombros, jabiracas (espécie de jaquetas em couro cru) coloridas ou lenço no pescoço, cartucheiras, espingardas e sandálias de couro grosso.

Em Sergipe, a manifestação permanece viva nos municípios de Lagarto e Própria.

- **ZABUMBA**

Zabumba é o nome popular do “bombo”, um instrumento de percussão. O termo, também, é usado para denominar o conjunto musical composta por quatro integrantes, todos do sexo masculino, conhecido como “Banda de Pifanos”. Em Sergipe, as apresentações da Zabumba acontecem em rituais de pagamento de promessas, datas comemorativas, festas religiosas e festivais de cultura popular.

- **GUERREIRO**

Espécie de Auto natalino, que carrega marcas do Reisado. Sobre as origens conta a lenda popular que uma rainha, em um passeio acompanhada de sua criada de nome Lira e dos guardas (Vassalos), conhece e apaixona-se por um índio chamado Peri. Para não ser denunciada, manda matar Lira. Mesmo assim, o rei toma conhecimento do fato e, na luta contra o índio Peri, morre. A dança é composta de jornadas – uma seqüência de cantos e danças -, que são apresentadas de acordo com os personagens de cada grupo, sendo um dos pontos culminantes a luta de espadas, travada entre o Mestre o índio Peri. Os principais personagens do Guerreiro, além do Mestre – que comanda as apresentações -, e do índio Peri, são: o Embaixador, a Rainha, Lira, o Palhaço e os Vassalos. Os instrumentos que acompanham o grupo são sanfona, pandeiro, triângulo e tambor. Destacam-se os trajes coloridos e ricamente enfeitados.

- **MARACATU**

O Maracatu originou-se da coroação dos Reis do Congo. Não sendo propriamente um auto, não tem um enredo ordenado para sua exibição.

Integram ao cortejo real, lembrança da célebre rainha africana Ginga de Matamba, o Rei, a Rainha, o Príncipe e a Princesa, Ministros, Conselheiros, Vassalos, Lanceiros, a Porta-Bandeira, Soldados, Baianas e tocadores. E as “Calungas”, bonecos representando negros. Vestidos de cores extravagantes, os participantes do cortejo seguem pelas ruas da cidade cantando e saracoteando, entre umbigadas, cumprimentos e marchas. Não existe uma coreografia especial.

Algumas das cantigas são proferidas numa presumível língua africana, tambor, chocalho e gonguê são os instrumentos musicais que acompanham o cortejo. Tendo o Maracatu perdido a tradição sagrada, hoje, é considerado um grupo carnavalesco, de brincadeiras de rua, que, em Sergipe, é encontrado nos municípios de Brejo Grande e Japaratuba.

Em linhas gerais, também procuraremos abordar o universo das danças e folguedos do ciclo junino, em especial pisa-pólvora, sarandaia, samba-de-coco, bacamarteiros, dança de São João e a tradicional quadrilha. Vale ressaltar festas tradicionais de alguns municípios a exemplo da Festa do Mastro realizada nos município de Capela e Muribeca, Festa de Reis / Batalha de Cabacinhas em Japaratuba, Encontro Cultural de Laranjeiras, sem esquecer a exótica Festa do Jegue no município de Itabí.

4 ASPECTOS METODOLÓGICOS

O universo didático-pedagógico em que ocorrera a pesquisas de campo que norteia o presente trabalho monográfico, fora concebido mediante as proposições metodológicas oriundas da pesquisa-ação, particularmente quando do trabalho didático, pedagógico e avaliativo realizado quando das atividades de docência e Ensino matemático junto a 01 (uma) turma de 6.^a série do Ensino Fundamental na modalidade EJA/ 2.^a ETAPA .

Concretamente, foram realizadas pesquisas de campo, baseada na distribuição de questionários entre os alunos da respectiva turma, no afã de melhor entender a relação dos alunos com o conteúdo do ensino em arte, e de modo particular, para verificar a familiaridade destes, com o universo folclórico brasileiro e sergipano vivenciados no contexto da etapa de estudos supletivos na qual estavam engajados.

Após a distribuição dos referidos questionários, os alunos, em número de 40 (vinte), foram esclarecidos sobre a natureza e finalidade dos mesmos, ao tempo em que fora determinada uma data com intervalo de 10 (dez) dias (entre 8/06/2005 a 18/06/2005), após os quais, deveriam ser devolvidos os respectivos questionários.

Superada essa fase, promoveu-se a análise dos dados coletados, os quais são apresentados em tópico específico, acompanhados da respectiva conclusão.

A realização da pesquisa de campo levada a termo pelo presente estudo monográfico, fora representado por um trabalho didático-pedagógico no contexto da escola pública na qual ocorreu a atividade de regência, em que a metodologia utilizada pautou-se em preleções, sugestões de pesquisa, revisão dos conteúdos,

promoção de uma dinâmica diversificadora das aulas práticas específicas, e nesse sentido introduzimos atividades como: ouvir músicas do Folclore sergipano; leitura de cordéis, bem como brincadeiras de rodas e cirandas, otimizando dessa maneira o processo de ensino e aprendizagem de artes, através da interdisciplinaridade, uma vez que os professores das outras disciplinas foram convidados a participarem das atividades ; e num segundo momento, utilizar os conteúdos e práticas desenvolvidas no contexto da disciplina artes, em suas respectivas atividades pedagógicas.

Sob o ponto de vista da fundamentação teórico-metodológica que robustecera o presente projeto, esta esteve centrada nas contribuições da Pesquisação, tão amplamente explicitada por Michel Thiollent, a qual, sobretudo através da inserção do pesquisador no ambiente onde a pesquisa ocorrerá. Assim, utilizou-se os recursos humanos e tecnológicos disponíveis na escola, sob a perspectiva de que a integração das diversas metodologias pudesse promover a qualidade do trabalho no e do desenvolvido na presente investigação acadêmica.

A partir da disponibilidade dos recursos existentes na unidade escolar, foram criadas atividades, inclusive multidisciplinares, visando desenvolver a capacidade criativa do aluno, as quais utilizarão materiais como: sucatas, cartolinas, papéis reciclados medidas que objetivam a conquista da aprendizagem.

Na seqüência, foram trazidos ao ambiente escolar para ser objetos de observação entre os discentes, instrumentos musicais e técnicas de canto, como instrumento salutar e alimento da alma; sendo um elemento alavancador da auto-estima do aluno.

Ao introduzirmos tais práticas de aprendizagem, todas voltadas para o estímulo pedagógico e desenvolvimento da criticidade; a partir dos conteúdos da disciplina ARTES. Nesse sentido, o professor fora capaz despertar o interesse e

“desejo de saber” fazendo com que o aluno percebesse que ele é sujeito no processo e construção do seu aprendizado.

5 CONCLUSÃO

Análise Estatística dos Questionários

Como componente metodológico que norteava a realização da presente monografia, na seqüência apresenta-se uma pesquisa de campo, na modalidade questionário, realizada junto a Colégio Estadual Governador Augusto Franco, especificamente junto ao conjunto de alunos da turma EJA – A (6ª série / 2ª etapa), envolvendo um universo de 40 alunos / entrevistados.

1) Sexo

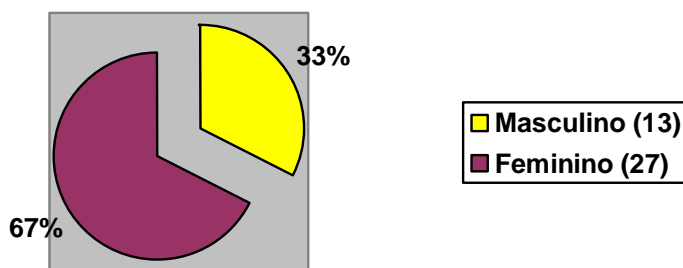


Gráfico 1. Apresentação do item sexo dos entrevistados

2) Idade

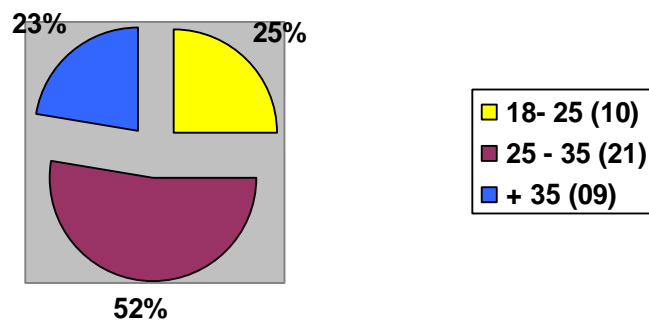


Gráfico 2. Apresentação do item faixa etária dos entrevistados

3) Profissão

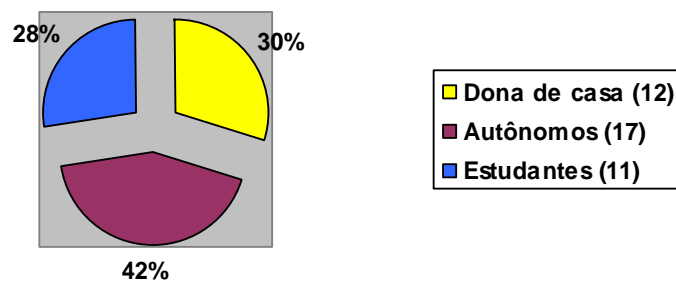


Gráfico 3. Apresentação do item profissão dos entrevistados

4) Possuem Alguma Noção sobre Artes?

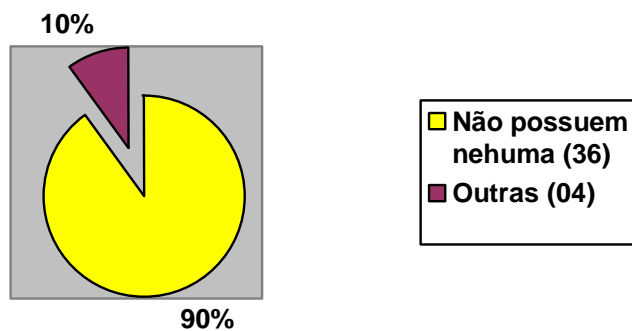


Gráfico 4. Apresentação do item noção sobre artes dos entrevistados

5) Quanto ao estudo de Artes que tipo de estudante é você?

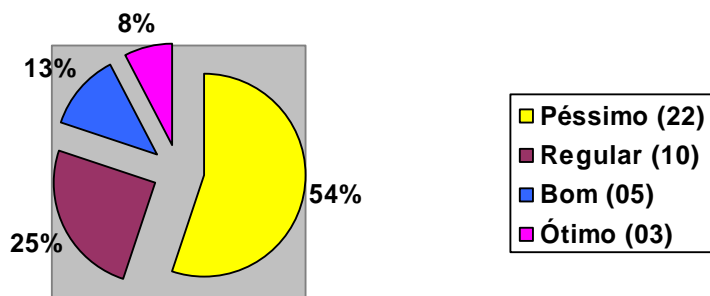


Gráfico 5. Apresentação do item como o estudante aprende a matéria artes dos entrevistados

6) Quais as expressões folclóricas ou artísticas populares que vocês conhecem?

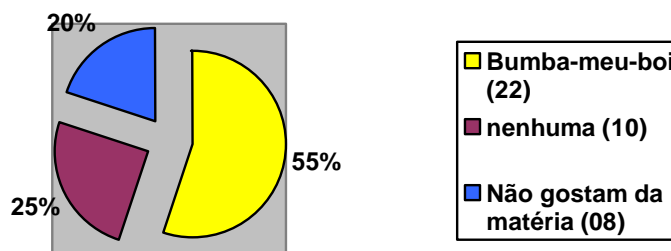


Gráfico 5. Apresentação do item o conhecimento das expressões artísticas ou folclóricas dos entrevistados

7) Qual a importância para você de se estudar Artes?

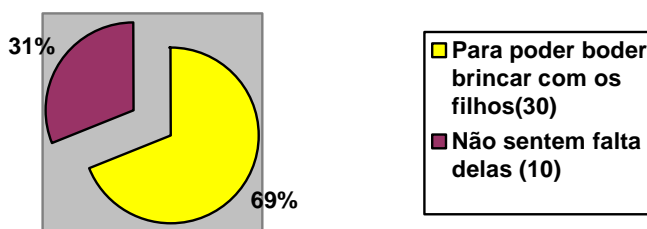


Gráfico 7. Apresentação do item importância do aprendizado do estudo de artes dos entrevistados

8) Quais as dificuldades que você enfrenta para aprender artes?

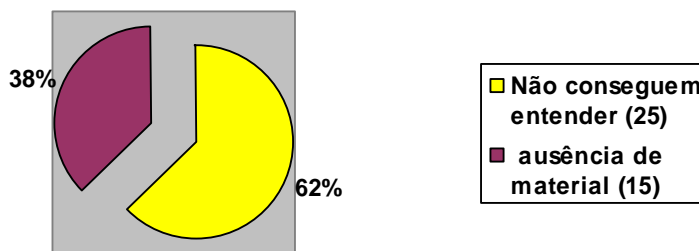


Gráfico 8. Apresentação do item dificuldade no aprendizado de artes dos entrevistados

9) Quais os assuntos da disciplina artes que você aprendeu durante as atividades desenvolvidas pelo professor de artes?

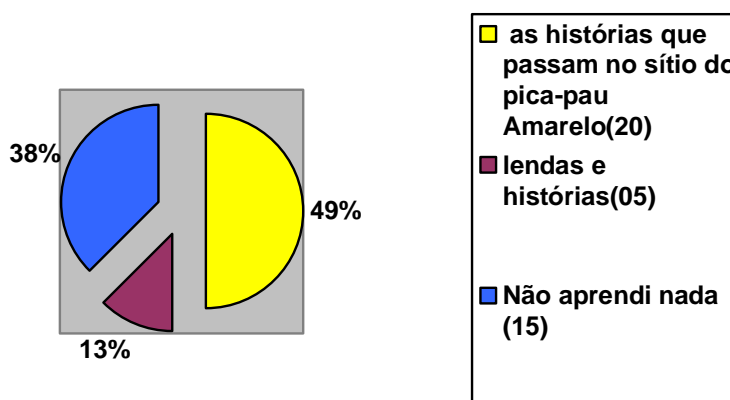


Gráfico 9. Apresentação do item conteúdos de artes aprendidos pelos entrevistados

10) Que sugestões você daria para melhorar suas aulas de artes?

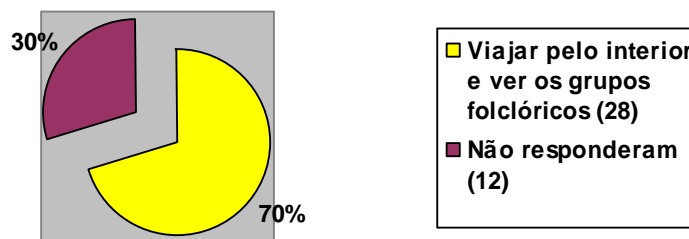


Gráfico 10. Apresentação do item sugestões para um melhor aprendizado da disciplina artes dos entrevistados

Os dados retroreferidos apontam para uma realidade muito comum ao aprendizado em artes, qual seja, a de se atribuir o insucesso escolar do aluno a um conjunto de fatores como binômio:

a) na pouca habilidade dos professores de artes, para trabalhar os conteúdos e ensinar a referida disciplina;

b) o desinteresse do aluno pela disciplina, que é potencializado a partir do surgimento das primeiras dificuldades no aprendizado, principalmente pela falta de materiais (tintas, cartolinas, adereços diversos);

c) o desinteresse somado à ignorância geral dos alunos sobre os conteúdos em artes.

Todos que militam na nobre arte de lecionar, vez por outra se deparam com as dificuldades de ensino e, sobretudo as de aprendizado dos alunos, que por motivos diversos apresentam baixo rendimento e ou aprendizagem no contexto das

respectivas disciplinas curriculares (fato notadamente exemplificado pela evasão e desinteresse pela disciplina artes; bem como pelas notas baixas e elevados índices de reprovação e repetência).

REFERÊNCIAS

Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Matemática** / Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/SEF, 1997.

ALENCAR, Aglaé D'Ávila Fontes de. **Danças e Folguedos**. Aracaju/Se. 2003.

ALENCAR, Aglaé D'Ávila Fontes de. **Iniciação ao folclore sergipano**. Aracaju/Se. 1998.

ARANTES, Antonio Augusto. **O Que é Cultura Popular**. São Paulo. Brasiliense, 1982.

BARRETO, Hélia Maria de Paula. Aspectos sobre o artesanato de barro em Sergipe. Caderno do CECH. Aracaju: UFS, 1992.

BARRETO, Luiz Antônio. **Folclore – Invenção e Comunicação**. Aracaju: Typografia Editorial / Scortecci Editora, 2005.

CARDOSO, Denise P. e CARVALHO, Ana Cristina de Sousa. Folclore sergipano no ensino fundamental: Uma oficina de Língua Portuguesa. Aracaju: FAP-SE, 2004.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. Rio de Janeiro. Ediouro. 1998

CASCUDO, Luís da Câmara. **Contos tradicionais do Brasil**. Belo Horizonte; São Paulo, Itatiaia, Editora da Universidade de São Paulo, 1986. Reconquista do Brasil, 2ª série, 1996.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Literatura oral no Brasil**. 3ª ed. Belo Horizonte / São Paulo, Editora Itatiaia / Editora da Universidade de São Paulo, 1984.

DANTAS, Beatriz Góis (coord). **Artesanato em Sergipe: cerâmica Relatório preliminar e parcial da pesquisa**. São Cristóvão. UFS/CECH/DPS, 1983.

FERNADES, Florestan. **O Folclore em Questão**. 2.^a edição. São Paulo: Hucitec, 1989.

MELLO, Luiz Gonzaga de. **Antropologia Cultural**. Petrópolis. Ed. Vozes. 1983.

SANTOS, José Antônio. **O folclore sergipano (literatura de cordel)**. Aracaju: agosto de 2003.

ANEXO A

Capelinha de melão

Capelinha de melão
é de São João,
é de cravo, é de rosa,
é de manjericão.

São João está dormindo,
não acorda não.
Acordai, acordai,
acordai, João!

Meu limão, meu limoeiro

Meu limão, meu limoeiro,
meu pé de jacarandá,
uma vez, tindolelê,
outra vez, tindolalá.

Piado de dois mutuns

No fundo da mata ouvi
piado de dois mutuns.
Piava e redobrava, morena,
tum-tum-rum-tum-tum.

Quem tiver muié bonita,
traga presa na corrente.
A sua que era feia,
jacaré levou no dente.

A muié pra ser bonita,
 tem que ser bem amarela.
 Ter três palmos de nariz,
 palmo e meio de canela.

O fio de gata preta,
 onça vermelha não come.
 Quem casa com muié feia,
 não tem medo de outro homem.

Caboclo pra ser bom,
 precisa quatro saber:
 tocar viola, jogar truque
 Namorar e saber ler.

Fui no tororó

Fui no tororó
 beber água não achei.
 Achei bela morena
 Que no tororó deixei.

Sozinha eu não fico,
 nem hei de ficar,
 porque tenho Pedro
 para ser meu par.

Ó Dona Maria.
 Ó Mariazinha,
 entra nessa roda,
 ficarás sozinha!

Põe aqui o seu pezinho.
 Põe aqui juntinho ao meu.
 E depois não vá dizer
 que você se arrependeu.

Anquinhas

A moda das tais anquinhas,
é uma moda estrangulada.
Depois, de joelho em terra,
faz a gente ficar pasmada.

Maria, sacode a saia.
Maria, levanta o braço.
Maria, tem dó de mim.
Maria, dá-me um abraço!

O cravo brigou com a rosa

O cravo brigou com a rosa
debaixo de uma sacada.
O cravo saiu ferido,
e a rosa despedaçada.

O cravo ficou doente,
e a rosa foi visitar.
O cravo teve um desmaio,
e a rosa pôs-se a chorar.

Vai abóbora

Vai abóbora, vai melão,
vai melão, vai melancia.

Vai jambo, sinhá, vai jambo, sinhá,
vai jambo, sinhá Maria.

Quem quiser aprender a dançar,
vai à casa do Juquinha.

Ele pula, ele dança,
ele faz requebradinha.

Entrei na roda

Ai, eu entrei na roda
para ver como se dança.
Eu entrei na contradança,
eu não sei dançar.

Lá vai uma, lá vai duas,
lá vão três pela terceira.
Lá se vai o meu amor
de vapor pra cachoeira.

Todo mundo se admira
da macaca fazer renda.
Eu já vi uma perua
ser caixeira de uma venda.

Todo mundo se admira
do macaco andar em pé.
O macaco já foi gente,
pode andar como quiser.

Roda pião

O pião entrou na roda, pião.
O pião entrou na roda, pião.
Roda pião, bambeia pião. (bis)

Sapateia no tijolo, pião.

Sapateia no tijolo, pião.

Roda pião, bambeia pião. (bis)

A menina não é capaz

de rodar no chão.

Roda pião, bambeia pião. (bis)

Terezinha de Jesus

Terezinha de Jesus

de uma queda foi ao chão.

Acudiram três cavalheiros,

todos três de chapéu na mão.

O primeiro foi seu pai,

o segundo seu irmão,

o terceiro foi aquele

que a Tereza deu a mão.

Terezinha de Jesus

levantou-se lá do chão

e sorrindo disse ao noivo:

“eu te dou meu coração”.

Da laranja, quero um gomo,
do limão, quero um pedaço,
da menina mais bonita,
quero um beijo e um abraço.

Mulher rendeira

Olé! Mulher rendeira.

Olé! Mulher rendá.

Tu me ensinas a fazê renda,
que eu te ensino a namorar.

Lampião desceu a serra,
deu um baile em cajazeira.
Botou a moça donzela
pra cantar mulher rendeira.

As moças da Vila Bela
não têm mais ocupação
e só vivem na janela
namorando Lampião!

Pai Francisco

Pai Francisco entrou na roda,
tocando seu violão,
ta-ram-ram-tão-tão.
E vem de lá seu delegado,
e Pai Francisco foi pra prisão.

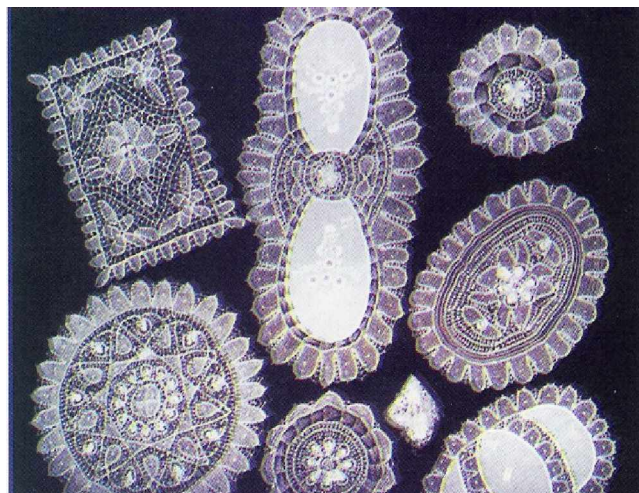
Como ele vem
todo requebrado,
parece um boneco
desengonçado.

ANEXO B – MANIFESTAÇÕES FOLCLÓRICAS



Fonte: Sergipe, a novidade do nordeste. Guia de Roteiros e Calendário de Eventos turísticos de Sergipe (Emsetur e Sectur), 2001.

ANEXO C – ARTESANATO SERGIPANO



Fonte: Sergipe, a novidade do nordeste. Guia de Roteiros e Calendário de Eventos turísticos de Sergipe (Emsetur e Sectur), 2001.

ANEXO D – REISADO DE DONA LALINHA (LARANJEIRAS)

LAMBE-SUJO (LARANJEIRAS)



Fonte: Sergipe, a novidade do nordeste. Guia de Roteiros e Calendário de Eventos turísticos de Sergipe (Emsetur e Sectur), 2001.